

BRUTALISMO AMAZÔNICO: A OBRA DE SEVERIANO MÁRIO PORTO

Prof. Msc. Roger Pamponet da Fonseca

Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Amazonas – UFAM
Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
da Universidade de Brasília – PPG-FAU-UnB
UFAM – Faculdade de Tecnologia – Curso de Arquitetura e Urbanismo
Av. General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I – Cep.: 69077-000 – Manaus – AM
Tel. +55 92 3305-1480 / 8189-4087 / 9962-3355
rogerpamponet@ufam.edu.br

Daniel Lins Falcone Pontes

Estudante de Graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo
UFAM – Faculdade de Tecnologia – Curso de Arquitetura e Urbanismo
Av. General Rodrigo Octávio, 6200, Coroado I – Cep.: 69077-000 – Manaus – AM
Tel. +55 92 3305-1480 / 8189-4087 / 9962-3355
danielfalcone@gmail.com

Prof. Dr. José Manoel Morales Sánchez

UnB – Universidade de Brasília – FAU/UnB – Ala Norte do Instituto Central de Ciências
Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte – Brasília – DF – Caixa Postal 04431
Tel. +55 61 3107-6630 / Fax: +55 61 3107-7723
sanchez@unb.br

RESUMO

A arquitetura de Severiano Mário Vieira de Magalhães Porto é constantemente reverenciada como um exemplo de manifestação artística onde o regionalismo crítico revela uma transigente abordagem mesológica. A atividade do arquiteto instaurou um processo de modernização na arquitetura amazonense, concebendo-a como expressão social baseada na localidade, adaptando técnica e formalismo àquela geografia. A busca de contemporaneidade à Amazônia foi refletida em projetos que oscilavam entre o ideário racionalista carioca e o brutalismo paulista, assumindo uma certa feição regionalizada. O desejo de austeridade absoluta e recusa de qualquer subterfúgio característico das produções da Escola Paulista, ficaram explícitos em obras com necessidades de uma imagem estatal, geralmente de grande porte e públicas. Os projetos desenvolvidos para o Estádio Vivaldo Lima (1965), a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa - 1971), os Reservatórios Elevados da Cosama (Companhia de Saneamento do Estado do Amazonas - 1972) e o Ambulatório do Instituto de Previdência e Aposentadoria do Estado do Amazonas (Ipasea - 1979) potencializam uma possível linguagem de vertente brutalista. O presente artigo, busca um estudo de reconhecimento, e possível reflexão da obra realizada pelo referido arquiteto para a Sede do Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas (TRE - AM). O edifício apresenta o caráter técnico das construções que primam pela simplificação e economia do partido tão comuns às produções brutalistas realizadas a partir dos anos 1960.

Palavras-chave: Severiano Porto. Arquitetura amazônica. Brutalismo regional.

ABSTRACT

The architecture of Severiano Mário Vieira de Magalhães Porto is constantly revered as an artistic expression where the critical regionalism reveals a condescending mesological approach. The activity of the architect initiated a modernization process in architecture of Amazonas, conceiving it as an social expression based on location characteristics, adapting technique and formalism to the geography. The search for the contemporary in Amazonas was reflected in projects that ranged between the rationalist ideas from Rio de Janeiro and the brutalism from São Paulo, assuming a regionalism feature. The desire for absolute austerity and the refusal of any characteristics from the Escola Paulista productions, devoted in works given the need of a state image, usually large and public. The projects developed for the Vivaldo Lima Stadium (1965), Manaus free-trade Zone Authority (Suframa, 1971), Elevated Reservoirs of Cosama – (Sanitation Company of Amazonas – 1972), and the Ambulatory of the Institution of Pension and Retirement of Amazonas – (Ipasea - 1979), potentiated the possibility of a brutalist language. This article seeks a study of recognition, and possible reflection of the work carried out by Severiano Porto to the Regional Electoral Court of Amazonas seat (TRE-AM). The building shows the technical features of the constructions that look for simplification and economy, so common to the brutalist productions performed from the 1960s.

Keywords: Severiano Porto. Amazon architecture. Regional brutalism.

BRUTALISMO AMAZÔNICO: A OBRA DE SEVERIANO MÁRIO PORTO

INTRODUÇÃO

A obra de Severiano Mário Vieira de Magalhães Porto na Amazônia é constantemente referenciada como uma arquitetura mesológica, caracterizada por uma enorme sensibilidade de adaptar as prerrogativas técnicas ao clima extremo da região amazônica. As ideias regionalistas, caracterizadas por uma crise de identidade na pós-modernidade, assumiam uma forma construtiva com a obra do arquiteto, que procurava compreender a região para a inserção de uma arquitetura moderna “apropriada”¹.

O arquiteto fez parte de um grupo de profissionais conhecidos como peregrinos, nômades e migrantes², onde o deslocamento contribuiu para a afirmação da arquitetura brasileira, marcada por uma estratégia de ocupação e integração de regiões isoladas. Porto se transferiu do Estado do Rio de Janeiro para o do Amazonas em meio à década de 1960, no qual permaneceu por 36 anos, sendo responsável por diversas obras de caráter público e privado.

A revalorização das técnicas construtivas tradicionais e regionais foram abordagens constantes em suas obras; entretanto, as obras variavam quanto ao programa, cliente, paisagem; e portanto, sua produção demonstra uma liberdade formal que se enquadrava nas discussões teóricas da década de 1980. Suas propostas oscilavam na adoção do material, das técnicas construtivas, da apreensão do espaço, mas buscavam melhor adequação às condições climáticas da região, sem negar sua própria formação modernista.

Suas obras de caráter “regionalista” estavam imbuídas de uma formação ortodoxa representada pelo dogmatismo da racionalidade de sua escola modernista. Formado em 1954, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Faculdade do Brasil, berço do modernismo brasileiro com a E.N.B.A., o arquiteto enveredou por caminhos diferentes; segundo Hugo Segawa, o arquiteto buscou “um afetuoso aprendizado do modo de vida amazônico”³. Na adoção de uma arquitetura com imagem estatal, o arquiteto demonstrou o desejo de uma austeridade absoluta e recusa de qualquer subterfúgio, característico das escolas brutalistas⁴.

O projeto para o Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas, localizado em Manaus e datado de 1978, apresenta uma arquitetura que potencializa uma possível linguagem de vertente brutalista, representada pelo caráter técnico das construções que primam pela simplificação e economia do partido tão comuns às produções brutalistas realizadas a partir dos anos 1960.



Fig. 1 – Fachada principal da Sede do TRE – AM. Fotos: Autores.



Fig. 2 – Fachada lateral da Sede do TRE – AM. Fotos: Autores.

A HISTÓRIA DO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO AMAZONAS – TRE-AM

Os tribunais eleitorais brasileiros surgem da revisão da legislação brasileira, promovida pela Aliança Liberal que entregou o poder à Getúlio Vargas durante a revolução de 1930. Em 6 de dezembro, daquele ano, através do Decreto no 19.459, foi constituída a Comissão Legislativa que teria como objetivo rever toda a legislação eleitoral vigente, o trabalho apresentado por essa Comissão deu origem ao primeiro Código Eleitoral Brasileiro, promulgado em 24 de fevereiro de 1932, através do Decreto 21.076.

O Código previa a criação da Justiça Eleitoral através da instalação de um Tribunal Superior de Justiça Eleitoral na capital da Republica; Tribunais Regionais de Justiça Eleitoral nos Estados, no Distrito Federal e na sede do Governo do Território do Acre; juízes eleitorais nas comarcas e distritos ou termos judiciários, retirando do Poder Legislativo a legitimidade para fiscalizar as eleições e reconhecer os eleitos. No dia 13 de agosto de 1932 foi instalado o Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas⁵ (TRE-AM), denominado de Tribunal Regional da Justiça Eleitoral.

A primeira sede do TRE-AM estava localizada no centro histórico de Manaus, no Palácio Rio Branco, um edifício eclético construído originalmente para abrigar a Chefatura da Polícia, que serviu posteriormente para sede da Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas. A segunda sede do órgão eleitoral amazonense fora o edifício Hermenegildo de Barros, construído em 1949 e demolido em 1971, conhecido como “Palácio das Artes”. O edifício possuía três pavimentos e apresentava uma arquitetura de caráter classicizante. A sede do TRE-AM foi transferida para três distintos endereços até a construção de sua sede atual.

No diário oficial de 20 de junho de 1977, de decreto nº 3881, o Governador do Estado do Amazonas decreta a doação de um lote de terras, situado na capital, na área compreendida na confluência da Estrada do Aleixo e Rua Paraíba com as seguintes características: área de 1.600,00 m²; perímetro de 160,00 metros e forma quadrangular com 40,00 m de lado. Destinado à construção do Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas. A inauguração ocorreu em 20 de dezembro de 1988, sob a presidência do Desembargador Manuel Deuzimar Pinheiro. O prédio, que levou onze anos para ser construído, abriga atualmente a sede principal, que engloba a Presidência, a Diretoria-Geral, a Corregedoria, o Plenário de Sessões e as Secretarias.

O PROJETO DO TRE – AM

O projeto da Sede do TRE-AM surpreende por não revelar inicialmente o repertório tão conhecido de Porto, as abordagens transigentes entre geografia, técnicas e práticas locais são sumariamente substituídas pelo caráter diminuto de uma arquitetura compacta, marcada pelo uso do concreto aparente. O registro do projeto é de 1978, data posterior às suas obras de maior destaque nacional de “vertente regionalista”⁶.

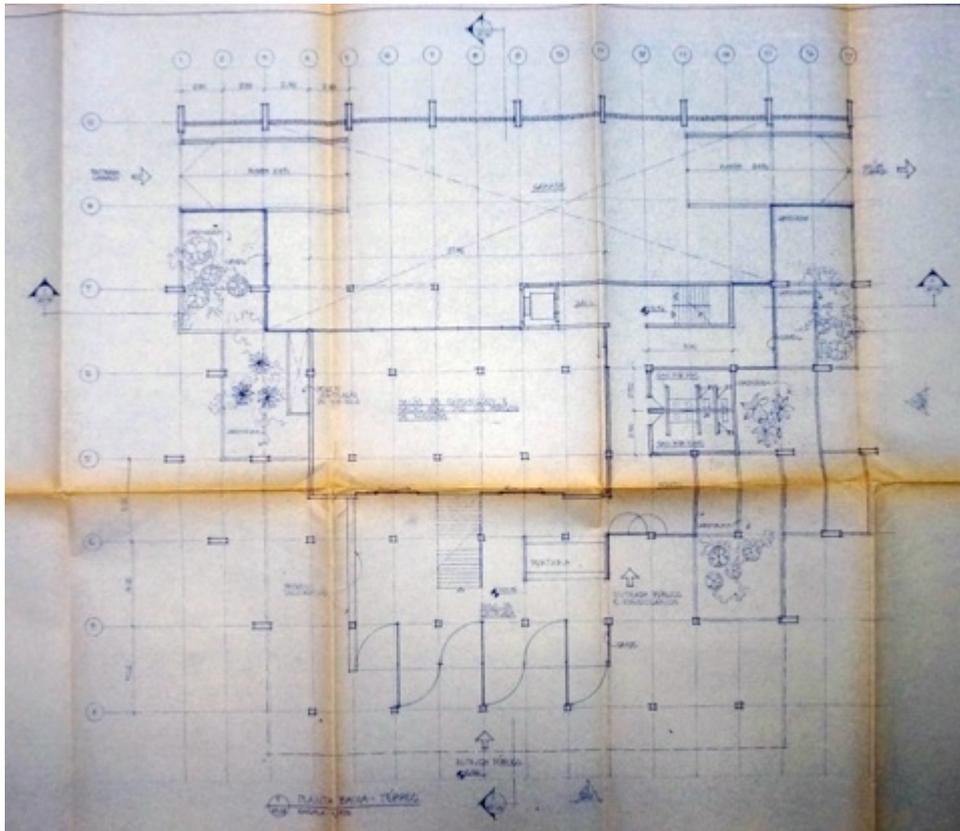


Fig. 4 – Planta do Pavimento Térreo da Sede do TRE – AM. Imagem retirada do Anteprojeto da Sede do TRE-AM, Arq. Severiano Porto, 1978. Fonte: SEOP – Seção de Obras e Projetos do TRE-AM.

O primeiro pavimento possui área de 915,60 m², subdividido em setores administrativos, odontológicos, corregedoria, sala do corregedor, coordenadoria de material, depósito e circulações. Esse pavimento possui ainda um vazio entre sua face posterior e o final da garagem, configurando um pé-direito duplo e um terraço frontal, com 7,28 metros de largura, por 31,10 de extensão. O segundo pavimento possui área de 1.258,77 m², avançando sobre o vazio existente do pavimento inferior, caracterizando o aumento de área entre os pavimentos, e subdividido em setores administrativos. O pavimento possui um terraço que se avança sobre o pavimento inferior, configurando um grande beiral, em concreto aparente e jardineiras no mesmo material.

O terceiro pavimento possui área de 1.234,17 m², com as subdivisões de gabinete da presidência, presidência, sala de reunião, plenário, assessoria jurídica, sala do diretor geral, gabinete da diretoria, gabinetes dos judiciários, gabinete dos juízes, de classe, magistrados e juristas, e demais departamentos administrativos. O pavimento possui um terraço com área de 351,09 m², que também se avança sobre o pavimento inferior, sendo configurado com jardineiras em suas faces periféricas. Todo o pavimento é protegido por uma cobertura em concreto armado aparente, com beiral de 3,15 m nas faces de fundo e frente, e beiral de 2,00 m nas faces laterais.

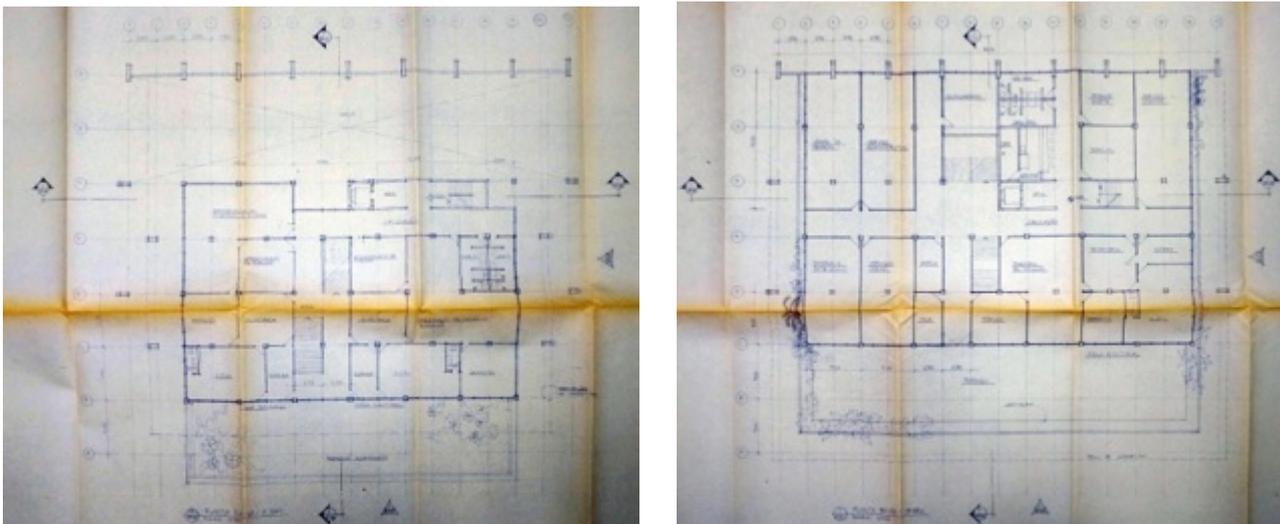


Fig. 5 e 6 – Plantas do 1º Pavimento (à Esq.) e 2º Pavimento (à Dir.) da Sede do TRE – AM. Imagem retirada do Anteprojeto da Sede do TRE-AM, Arq. Severiano Porto, 1978. Fonte: SEOP – Seção de Obras e Projetos do TRE-AM.

A configuração estrutural é baseada em uma malha ortogonal de 5,00 x 5,00m, com pilares de 0,50 x 0,25 m, que apresentavam uma forma final de 0,50 x 0,50 m. Porto criava em pontos estratégicos dos pilares um espécie de “shaft” que permitiam a passagem das tubulações elétricas e hidráulicas, sendo esse procedimento inédito no Amazonas, garantia unidade formal aos demais pilares.

A organização de uma malha ortogonal racionalista, e a adoção do concreto armado como material construtivo, demonstra que por parte do arquiteto não existia qualquer compromisso prévio com a utilização da madeira e materiais regionais em sua arquitetura. Apesar dos projetos precedentes terem sido galgados sobre uma solução formal e construtiva local, nesse projeto Porto apresenta uma resposta diversa das anteriormente apresentadas.

A partir dessa obra, é possível verificar uma pluralidade e uma curiosa liberdade formal que o aproxima do repertório brutalista na concepção de uma obra. Segundo Telles, no brutalismo da Escola Paulista os volumes cedem lugar à linha horizontal das grandes coberturas e prezam por uma simplificação e economia de partido aliado à idéia de um maior caráter técnico das construções. Além disso, “os espaços abertos assumem a conotação político ideológica dos lugares destinados aos usos coletivos e democráticos (...) A estrutura desenhada como uma grande marquise, solução evidentemente de exterior, dissolve o valor das aberturas⁷”.

A proposta de Porto, é uma obra arquitetônica de programa simples, com uma técnica construtiva apurada⁸ e um jogo de marquises em balanço, que proporcionam espaços coletivos para os funcionários e visitantes, e acima de tudo, demonstram como o arquiteto imagina o uso do

repertório brutalista na região amazônica. A linha horizontal é marcada pela subtração de espaços ao longo de todo o projeto.

O edifício é pensado como uma grande caixa subtraída espacialmente nos níveis inferiores; essa subtração garante o sombreamento dos pavimentos inferiores pelos superiores. Como uma sobreposição, esse jogo de raciocínio, permite que o arquiteto aplique o repertório de estruturas construtivas sobrepostas – já utilizadas nos projetos do Hotel de Silves e do Campus da Universidade do Amazonas – caracterizados por espaços cindidos por amplas coberturas e seus respectivos beirais.

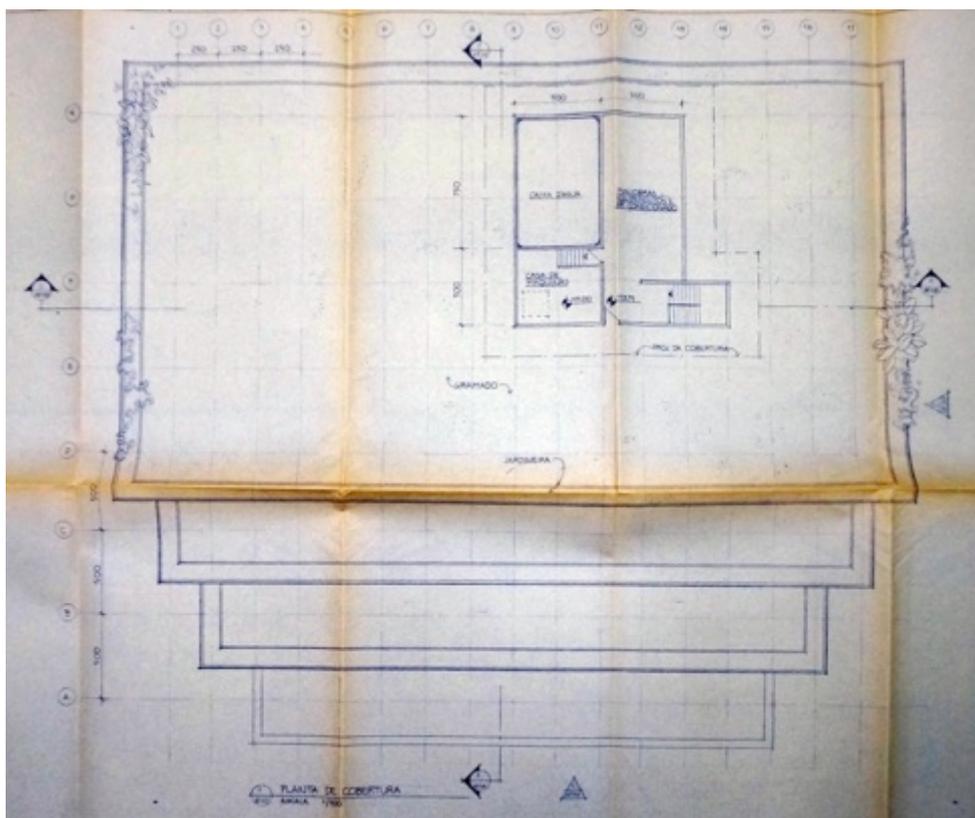


Fig. 7 – Planta de Cobertura Sede do TRE – AM. O desenho mostra a casa de máquinas na cobertura bem como os níveis em terraços sucessivos e escalonados. Imagem retirada do Anteprojeto da Sede do TRE-AM, Arq. Severiano Porto, 1978. Fonte: SEOP – Seção de Obras e Projetos do TRE-AM.

O repertório formal, conceitual e estilístico é adaptado à linguagem do concreto aparente. A fachada principal, orientada para o norte, possui esse jogo de terraços que garantem o teor ideológico do brutalismo, e seus grandes vãos de permanência, aliado ao raciocínio da proteção de uma incidência solar direta em suas respectivas fachadas. A fachada sul, é inteiramente preenchida por cobogó, garantindo a constante ventilação. Os pavimentos são recuados significativamente nas orientações leste e oeste, fazendo com que cada pavimento superior proteja de fato o subsequente inferior.

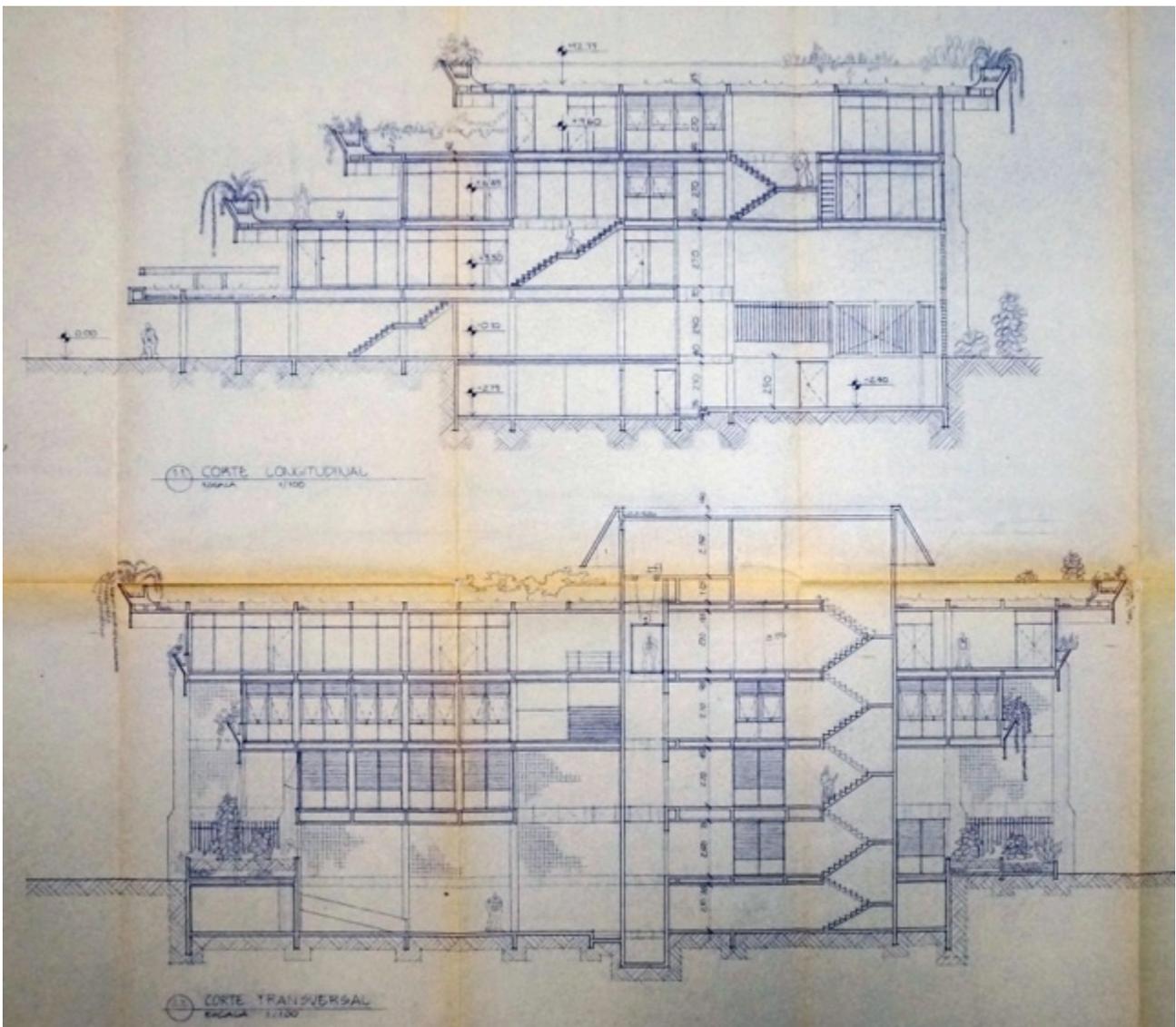


Fig. 8 – Corte Longitudinal e Transversal da Sede do TRE – AM. Os avanços dos pavimentos superiores perante os inferiores marcam a busca pela horizontalidade do brutalismo aliada a proteção das intempéries amazônicas. Notar o desenho dos cobogós no corte transversal. Imagem retirada do Anteprojeto da Sede do TRE-AM, Arq. Severiano Porto, 1978. Fonte: SEOP – Seção de Obras e Projetos do TRE-AM.

A laje de cobertura, plana, é pensada com uma proteção artificial recoberta com grama, configurando um terraço jardim ou teto verde, tão comumente usado na atualidade. Os fechamentos dos pavimentos, possuem esquadrias de madeira, vidro e venezianas em todo o perímetro. Essa adoção garantiria o melhor aproveitamento da iluminação natural ao longo do dia, e a possibilidade de uma ventilação cruzada com o uso conjunto das venezianas na bandeira superior, e dos basculantes nas janelas inferiores. As portas de madeira possuíam um jogo de treliças de madeira na configuração de suas almofadas.

O uso do concreto bruto por Severiano Porto, o aproxima de Vilanova Artigas na intenção de usar o material como expressão contemporânea da técnica construtiva brasileira, interessava talvez, ao

arquiteto mineiro-carioca, introduzir no inóspito e longínquo estado do Amazonas uma arquitetura com a expressão pura da modernidade, tanto construtiva quanto ideológica. De certo, pode-se concluir que o projeto do TRE-AM, possui boa parte das características da arquitetura paulista descritas por Ruth Verde Zein:

“procura de horizontalidade; jogos de níveis quase sempre reunidos num bloco único, destacado do chão; tratamento cuidadoso de estrutura de concreto armado aparente; elementos de circulação têm função destacada: se internos, definem zoneamento e usos, se externos, sua presença plástica é marcante. A tecnologia empregada é a do concreto armado ou protendido, fundido in loco, utilizando lajes nervuradas, pórticos, pilares com desenho diferenciado, sempre com vãos livres e balanços amplos, sheds, grandes empenas de concreto usadas como quebra-sol ou plano de reflexão de luz, jogos de iluminação zenital/lateral, volumes anexos com estrutura independente. Nos memoriais os autores mostram-se preocupados com a flexibilidade de uso dos espaços e possível renovação na sua destinação; segundo eles, isso comparece no projeto através da modulação, previsão de amplos espaços cobertos, concentração de funções de serviço. Sua relação com o entorno é claramente de contraste visual, apesar de se proporem integrados com o sítio, pela facilidade de acessos⁹”.

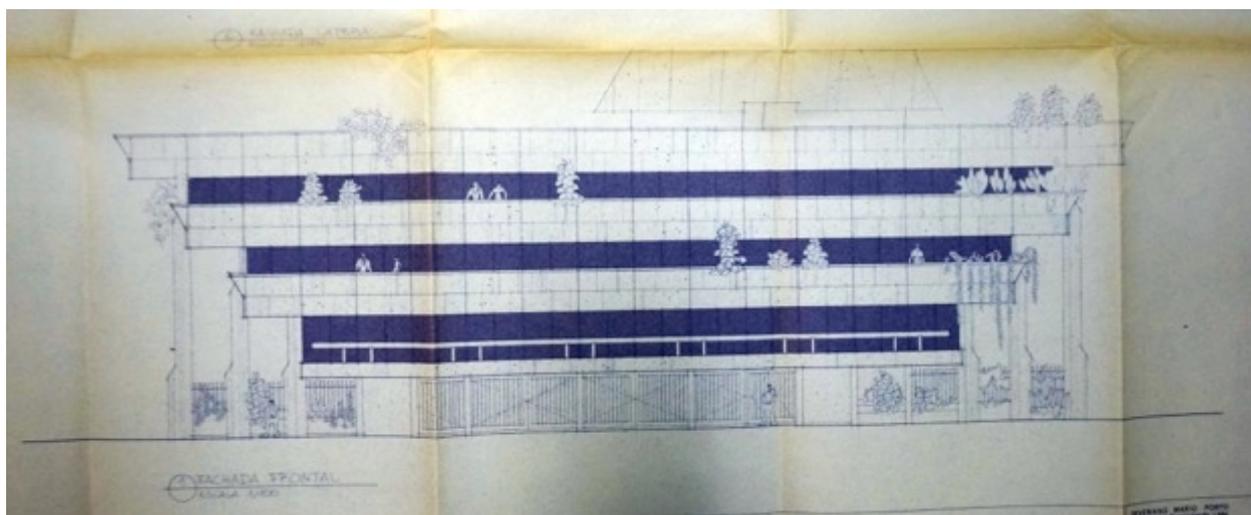


Fig. 9 – Fachada Frontal da Sede do TRE – AM. O edifício pensado como um bloco compacto, com jogos de balanços buscando a horizontalidade. Imagem retirada do Anteprojeto da Sede do TRE-AM, Arq. Severiano Porto, 1978. Fonte: SEOP – Seção de Obras e Projetos do TRE-AM.

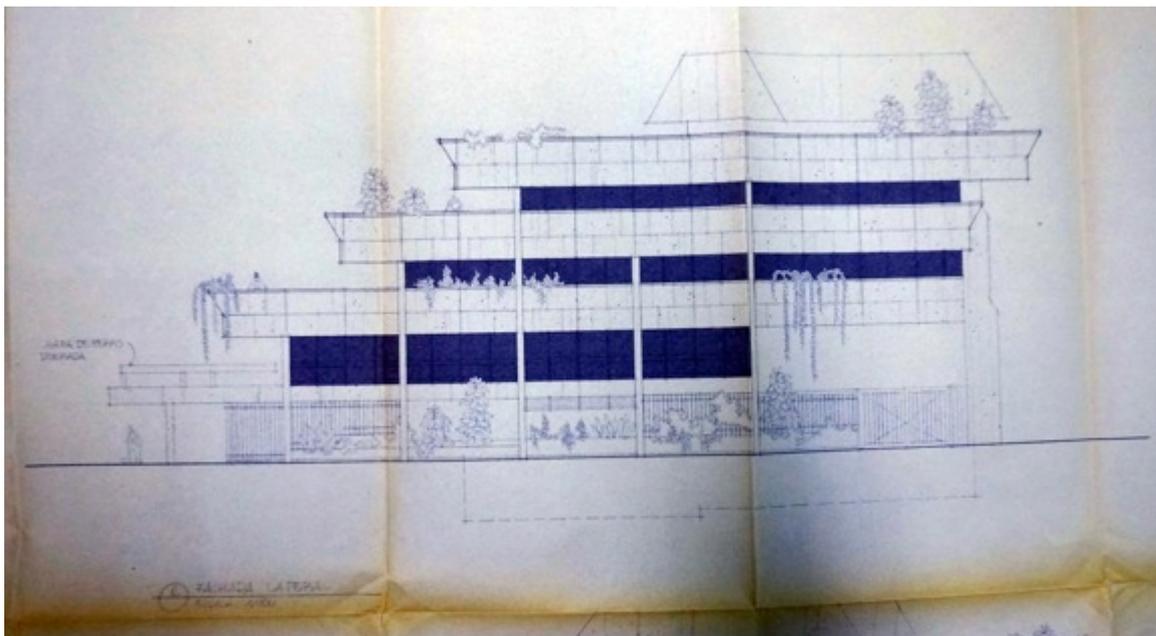


Fig. 10 – Fachada Lateral da Sede do TRE – AM. O edifício pensado como um bloco compacto, com jogos de balanços buscando a horizontalidade. Imagem retirada do Anteprojeto da Sede do TRE-AM, Arq. Severiano Porto, 1978. Fonte: SEOP – Seção de Obras e Projetos do TRE-AM.

O edifício do TRE-AM se desenvolve em um único bloco, com diferenças de níveis entre os pavimentos, que buscam uma horizontalidade marcada pela presença de grandes vãos com os avanços de seus terraços. Os pilares aparentes, que se interpenetram entre os pavimentos, possuem aumento de seção com desenhos diferenciados. Os ambientes internos, são passíveis de renovação possibilitando a flexibilidade de seus espaços. Uma consideração importante a ser ressaltada é que, o referido edifício, apesar de não apresentar todas as características acima descritas; possuiu a noção de “edifício-modelo, voltado para si, embora aberto à participação do coletivo; e no rompimento com a tradição de leveza e transparência características da arquitetura brasileira¹⁰”. As posteriores obras de cunho estatal do arquiteto no Estado do Amazonas, apresentaram características semelhantes.

O período de titulação de Porto como arquiteto, 1954; estava em sincronicidade com o fenômeno de obras com conexões brutalistas, entretanto, sua primeira manifestação – no que se refere às características de cunho ideológico e formalistas do brutalismo – acontece somente no final da década de 1970. Considerado como a última trincheira do modernismo¹¹, o brutalismo pode ter sido encarado por Porto, como a continuidade natural da aplicação da modernidade no Amazonas.

Sergio Ferro¹² e Marlene Acayaba¹³, com o termo de “brutalismo caboclo” procuraram encontrar as razões condicionantes de uma arquitetura brutalista realizada em São Paulo, autenticamente brasileira, destituída das características do brutalismo estetizante europeu. Segundo Ferro:

(...) Cabocla naquela época era para chatear, para agredir. Mas fazia parte do nosso brutalismo a reapropriação e a diferenciação do brutalismo europeu e japonês. Principalmente através da posição de Artigas de construir com os meios locais e não com uma tecnologia ou com um modo de fazer que não correspondia às possibilidades daqui (...)¹⁴.

No projeto do TRE-AM, Severino Porto procura voltar-se ao tradicional incorporando qualidades regionais em um projeto de caráter brutalista. O concreto permitia estruturas maleáveis e abertas, corretas na relação entre a busca do exterior no interior do edifício, os materiais regionais de construção – madeira e tijolo – impossibilitavam tais orientações. O modo de fazer regional é adaptado a técnica do concreto, levantando considerações de clima, conforto e ventilação.



Fig. 11 e 12 – Diferentes ângulos da Fachada principal da Sede do TRE – AM. Fotos: Autores.



Fig. 13 e 14 – Fachadas laterais da Sede do TRE – AM. Fotos: Autores.

As esquadrias e os fechamentos, todos em madeira, possuíam venezianas e treliças, permitindo um melhor aproveitamento da ventilação natural e utilização de matéria-prima local; as divisórias originais, que permitiam a flexibilidade dos espaços internos; todas projetadas e detalhadas pelo arquiteto, eram de madeira cedro ou aguano, com o uso de vidro liso transparente com espessura de 4 mm, vidro mini-boreal e emalite da Vidrobrás na cor branco opaco. Os forros das áreas nobres e externos, eram de madeira macacaúba encerada. As amplas empenas, possuíam a permeabilidade dos cobogós ao invés do concreto brutalista aparente. Algumas reformas realizadas no tribunal, substituíram divisórias e esquadrias originais especificadas e projetadas pelo arquiteto.

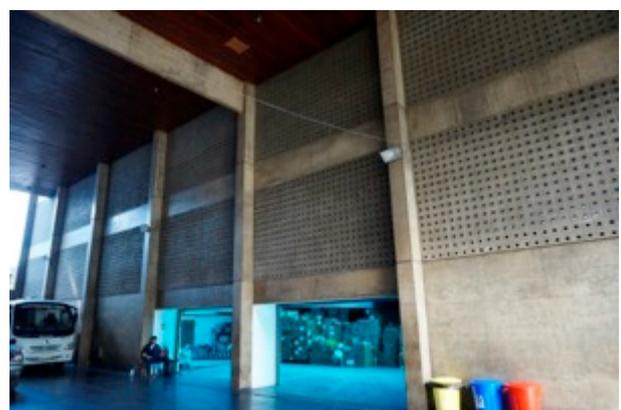


Fig. 15 e 16 – Imagens internas da Sede do TRE – AM. Garagem do Térreo e Vista dos fundos internamente, mostrando detalhes dos cobogós. Fotos: Autores.

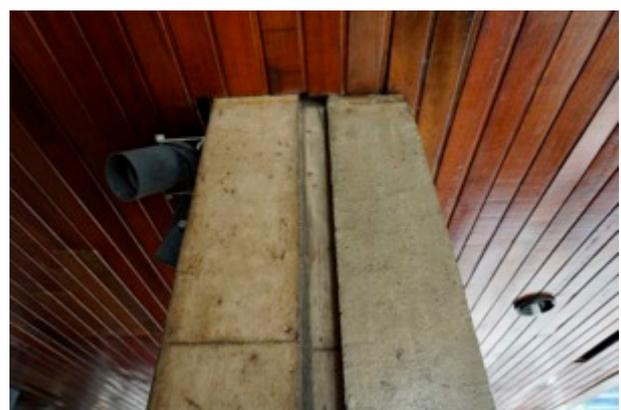


Fig. 17 e 18 – Imagens internas da Sede do TRE – AM. Detalhe das esquadrias internas, forros e pilares duplos com “shafts”. Fotos: Autores.

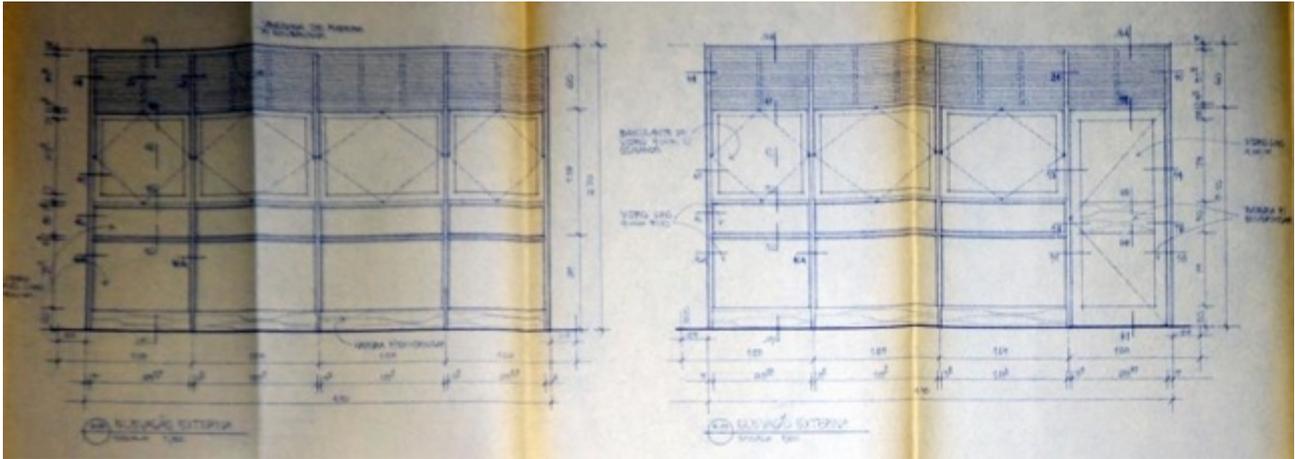


Fig. 19 e 20 – Elevações externas das esquadrias da Sede do TRE – AM. Detalhe das esquadrias com bandeiras em venezianas, atualmente substituídas por vidro. Imagem retirada do Projeto Executivo da Sede do TRE-AM, Arq. Severiano Porto, 1978. Fonte: SEOP – Seção de Obras e Projetos do TRE-AM.

As grandes marquises, que caracterizam os grandes terraços e marcam a busca da horizontalidade perante a verticalidade do edifício; construídas em concreto bruto aparente, possuem o emprego de jardineiras com desenhos diferenciados evidenciando uma composição formal de cunho estético na fachada final do edifício. O contraste entre o material bruto do concreto com a vegetação pendente, aproximava a obra brutalista da natureza amazônica quase que de maneira poética, sem ser conflitante.



Fig. 21 – Imagem do terraço do 1º Pavimento que serve de marquise de proteção do pavimento térreo. No corte do Anteprojeto original, essa área possuía pavimento em grama protegido com guarda-corpo. Fotos: Autores.



Fig. 22 – Imagem do terraço do 2º Pavimento. Fotos: Autores.



Fig. 23 – Imagem da laje de cobertura do TRE-AM, casa de máquinas. Fotos: Autores.



Fig. 24 – Imagem da Cobertura do TRE-AM mostrando os terraços sucessivos do edifício. Fotos: Autores.

CONCLUSÃO

As autoras Marlene Acayaba e Sylvia Ficher, destacaram a presença de “*tendências regionais após 1960*” na arquitetura de São Paulo; demonstrando que o brutalismo paulista, apesar de não ter naquele momento uma característica de “escola”, possuía considerações próprias que o separava do brutalismo inglês.

A afirmação de Ruth Verde Zein, na década de 1980, acerca da Arquitetura Paulista, demonstrava que a corrente brutalista possuía seguidores nas demais regiões do país:

*(...) não era uma tendência estanque, não se limitando apenas a arquitetos de São Paulo nem estando presente em todos os arquitetos paulistas; e que além disso já havia, a essa altura, influenciado arquitetos e obras de outras regiões do país (...)*¹⁵.

Com o presente artigo, partimos da hipótese que o arquiteto Severiano Mário Porto, acabou sendo um dos profissionais fora do Estado de São Paulo a ser influenciado pela tendência brutalista; entretanto, fica evidente que no decorrer de sua trajetória o arquiteto não seguiu claramente nenhuma escola ou regra arquitetônica. Esse fato, elucida o cenário contextual de inserção do projeto do TRE-AM: a fonte brutalista é primária em suas acepções ideológicas e estéticas, e o regionalismo é apresentado na configuração de uma arquitetura destituída de rótulos, onde o que se importava era uma produção harmoniosa com o local.

Abílio Guerra e Alessandro Castroviejo Ribeiro, comentam que a obra de Porto apresentava repertório tanto erudito, quanto autóctone:

“O arcabouço conceitual, as idéias e as crenças são retirados do modernismo brasileiro em particular, mas a prática é fruto de um reaprender com a sabedoria e condições concretas locais: seja através dos materiais, das técnicas, das manipulações espaciais em função do clima. Deste encontro surge uma simbiose múltipla que entrelaça o fazer local e a visão “importada” da metrópole, transformando-os em uma poética que expõe novas questões, possibilidades e linguagem”.

No projeto supracitado; a corrente brutalista se configura como afirmação da técnica do concreto armado aliada à qualidade de um caráter de estética estatal; já o regionalismo crítico, é demonstrado como capacidade inventiva do arquiteto em adaptar soluções regionais aos recursos e materiais locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bastos, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: Rumos da arquitetura brasileira**. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2007.

Bastos, Maria Alice Junqueira; Zein, Ruth Verde. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

- Campos, Elizabete Rodrigues de. **A Arquitetura Brasileira de Severiano Mário Porto**. Texto Especial No. 209, São Paulo, dezembro 2003.
- Costa, Graciete Guerra da. **Manaus: um estudo de seu patrimônio arquitetônico e urbano** / Dissertação de Mestrado – Brasília: UnB, 2006.
- Ficher, Sylvia; Acayaba, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.
- Ferro, Sérgio. **Reflexões sobre o brutalismo caboclo**. Entrevista. Projeto, São Paulo, n. 86, p. 68-70, 1986
- Fuão, Fernando Freitas. **Brutalismo. A última trincheira do movimento moderno**. Arqtextos, São Paulo, 01.007, Vitruvius, dez 2000.
- Hespanha, Sérgio Augusto Menezes. **Severiano Porto. Entre o regional e o moderno**. Arqtextos, São Paulo, 09.105, Vitruvius, Fevereiro, 2009.
- Mesquita, Otoni Moreira de. **Manaus: História e Arquitetura – 1852-1910**. Manaus: Editora Valer, 1999.
- Pamponet, Roger. Sánchez, José Manoel Morales. **Oscar Niemeyer's Bridge in Brasilia**. In: First International Conference on Structures and Architecture, 2010, Guimarães. Structure and Architecture. Leiden, The Netherlands: CRC Press/Balkema, 2010. p. 1227-1234.
- Rovo, Mirian Keiko Ito; Santos Oliveira, Beatriz. **Por um regionalismo eco-eficiente: a obra de Severiano Mário Porto no Amazonas**. Arqtextos, São Paulo, 04.047, Vitruvius, abril de 2004.
- Segawa, Hugo. **Arquitetura no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- Telles, Sophia S. **Lucio Costa: Monumentalidade e intimismo**. In Guerra, Abilio (Org.). Textos fundamentais sobre a história da arquitetura moderna brasileira, org. Abilio Guerra, 173-206. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- Zein, Ruth Verde. **Brutalismo, Escola Paulista: entre o ser e o não ser**. Arqtexto (UFRGS), v. 2, p. 6-31, 2002.
- Zein, Ruth Verde. **Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado)**. Arqtextos, São Paulo, 07.084, Vitruvius, maio de 2007.
- Zein, Ruth Verde. **Um arquiteto brasileiro: Severiano Mario Porto**. In Projeto, n. 83, São Paulo: Projeto Editores Associados, Janeiro de 1986.

-
- ¹ Os debates sobre o regionalismo latino-americano e as abordagens periféricas de uma arquitetura “regional” no Brasil, foram abordadas por Maria Alice J. Bastos e Ruth Verde Zein, *Brasil: arquitetura após 1950*. P.241-250.
- ² Hugo Segawa. *Arquitetura no Brasil 1900-1990*. P. 131.
- ³ Hugo Segawa, “Severiano Porto: La Sfida dell’Amazzonia”, *Spazio e Società*, n. 61, jan./mar. 1993. p. 11 *apud* Maria Alice J. Bastos, *Pós-Brasília: Rumos da arquitetura brasileira*, p. 153.
- ⁴ Segundo Maria Alice J. Bastos e Ruth V. Zein, nunca houve da parte de Porto, qualquer intenção de manifesto em favor de uma arquitetura regional, tendo decisões em boa medida funcionalistas no que se incluíam providências frente ao clima. Um brutalismo amazônico, com o uso do concreto aparente, demonstra a ausência de preconceitos quanto ao material por parte do arquiteto “regionalista”.
- ⁵ Dados obtidos na atual sede do TRE-AM que possui um museu e acervo da história do órgão no Estado do Amazonas, podendo ser parcialmente acessado pelo site <http://www.tre-am.jus.br/institucional/conheca-o-tre-am/historia-do-tre-am> (Julho 15, 2013).
- ⁶ O Restaurante Chapéu de Palha, 1967, premiado na categoria de “Edifícios para fins recreativos” na V premiação Anual do IAB-GB; a Residência Severiano Porto, é de 1971, agraciado com o prêmio Marcelo Roberto na categoria “Edifício para habitação” na IX Premiação annual do IAB-RJ; SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus, 1971, recebeu o prêmio na categoria “Edifícios Públicos” na XII Premiação Annual do IAB-RJ em 1974. Maria Alice J. Bastos e Ruth Verde Zein, *Brasil: arquitetura após 1950*. P.247.
- ⁷ Sophia S. Telles. *Lucio Costa: monumentalidade e intimismo*, 1989. In *Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira*; v1 / organização Abílio Guerra. 2010. P. 188-89.
- ⁸ Os autores realizaram uma pesquisa documental sobre a Ponte Costa e Silva, em Brasília. A metodologia de análise permitiu a investigação de uma obra com apuro técnico, aliando considerações de forma e função estrutural. Roger Pamponet da Fonseca e José Manoel Morales Sanchez. *Oscar Niemeyer's Bridge in Brasilia*. In: *First International Conference on Structures and Architecture*, 2010, Guimarães. *Structure and Architecture*. Leiden, The Netherlands: CRC Press/Balkema, 2010. p. 1227-1234.
- ⁹ Ruth Verde Zein. “As tendências e as discussões do pós-Brasília”. Projeto no 53, julho 1983, p.75-85.
- ¹⁰ Idem, *Ibidem*.
- ¹¹ Fernando Freitas Fuão. *Brutalismo. A última trincheira do movimento moderno*. *Arquitextos*, São Paulo, 01.007, Vitruvius, dez 2000
- ¹² Sergio Ferro. “Arquitetura Nova” [in] *Arte em Revista*, no 4. Centro de Estudos de Arte Contemporânea. São Paulo, agosto 1980, p. 89-94.
- ¹³ Marlene Milan Acayaba. “Vilanova Artigas, amado mestre”. Projeto no 76, junho 1985, p.50-54.
- ¹⁴ Sérgio Ferro. *Reflexões sobre o brutalismo caboclo*. Entrevista. Projeto, São Paulo, n. 86, p. 68-70, 1986
- ¹⁵ Ruth Verde Zein. “As tendências e as discussões do pós-Brasília”. Projeto no 53, julho 1983, p.75-85.